

Candangolândia, o abandono

O primeiro conjunto habitacional de Brasília está com medo da remoção prevista para o fim do ano

São mais de mil barracos que formam - ainda - hoje - o primeiro conjunto habitacional de Brasília. Criado muito antes da Cidade Livre, os moradores das vilas Candangolândia e Velhacap estão sendo abandonados, por terem sido excluídos da extensão administrativa, recentemente criada, que aumentou a base territorial do Núcleo Bandeirante.

Nessas vilas, que não são invasões, uma ameaça assusta aos moradores: uma remoção, que deverá ser realizada até final de dezembro deste ano. Nesses núcleos pioneiros, formaram - se duas gerações, os filhos dos primeiros "candangos" casaram - se, tiveram filhos e, hoje, são considerados "excedentes", sem nenhum direito perante as autoridades responsáveis pela remoção.

Candangolândia e Velhacap são vilas pioneiras, que abrigaram os primeiros materiais para a construção de Brasília. Ali se instalou o almoxarifado geral da Novacap - nessa época, a verdadeira prefeitura do DF - bem como a garagem oficial dos organismos públicos e o famoso restaurante do SAPS, um órgão extinto, subordinado ao Ministério da Agricultura.

A primeira escola do Distrito Federal, que deveria ter sido tombada ao patrimônio histórico, está em vias de ser "tombada" pela ruína, com madeiras apodrecidas, mas ainda servindo para abrigar alguns funcionários da Fundação Zoobotânica do DF - a proprietária de toda a área - onde também funcionou o Núcleo de Custódia. A escola tem o nome da mãe do fundador de Brasília, Júlia Kubitschek.

CABO VELHO

Arnaldo Manoel do Nascimento, mais conhecido como "Cabo Velho", tem 71 anos, é ex-combatente e se encontra completamente desassistido. Apesar de ter sido o fundador das vilas Candangolândia e Velhacap, ele ainda trabalha para a Fundação Zoobotânica, como funcionário letra "B", percebendo um salário de Cr\$ 8.400,00. Ele tem 8 filhos.

Cabo Velho procurou a repor-

tagem para fazer um apelo ao Governador: ele diz que "prefere morrer e um caixão sair carregando seu corpo no mesmo dia em que a vila for removida. "Será melhor do que assistir a esta injustiça com os primeiros moradores do Distrito Federal. Nós não somos invasores, estamos aqui desde o início de tudo. Eu plantei uma quantidade enorme de fruteiras, lutei pela criação de um campo ecológico, não tenho casa nem onde morar, se me desalojarem daqui. Vim em 1º de janeiro de 1957, da Escola Naval do Rio de Janeiro, e estou aqui até hoje. Não sou rico, porque não sei roubar, todo o material ficou sob minha guarda, e permaneceu intacto. Na época em que vim para Brasília, o Governo estava doando terreno para quem servisse de incentivo à migração e a cidade ficasse habitada, eu não recebi nada e permaneço no mesmo local onde comecei a viver em 1957".

A Fundação, afirma ele, "não me dá além do meu salário. Aquela igreja quem fez fui eu, que plantei árvores ao seu redor. Ajudei a vila a crescer, conversei com os primeiros moradores, Candangos como eu. Vi muita gente sofrer, sorrir e chorar e corrigi muitas injustiças".

Arnaldo Manoel do Nascimento é uma espécie de "tutor" das duas vilas. Sua liderança é inquestionável e, devido à ameaça, ele anuncia que formará, juntamente com os jovens, uma comissão, - possivelmente uma Associação dos Moradores - para lutar contra a remoção. Cabo Velho tem várias credenciais, conferindo - lhe poderes sobre a comunidade. Numa única ordem de serviço da FZDF, ele é encarregado da limpeza, guarda do galpão, de fiscalizar e proteger a flora, no perímetro da Velhacap, podendo fazer apreensões e encaminhar ao Serviço de Defesa dos Recursos Naturais.

Recentemente, durante uma visita do Governador Aimé Lamaison ao Zoológico, Cabo Velho conversou com ele e pediu - lhe que não deixasse ao desamparo as famílias daquelas vilas, recebendo como resposta, que "não poderia

dar casa a todo mundo" - referindo-se aos considerados excedentes. E Arnaldo não concorda com esta posição, argumentando que a pessoa que paga aluguel, paga água e luz, não pode ficar numa situação de desamparo.

CADASTRAMENTO

Recentemente, por determinação do diretor da Fundação Zoobotânica, foi feito um cadastramento, com a explicação de que, até dezembro, a área teria que estar limpa, sem nenhum barraco. Cabo Velho completa: "É pra fazer casa pros bichos".

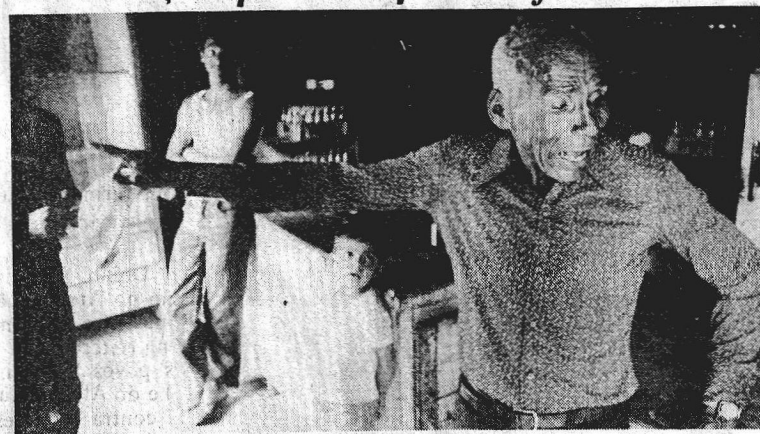
Arnaldo Manoel comenta também que "Vivaldo Martins Alves, administrador do Núcleo Bandeirante é contrário a essa remoção e, para combatê-la, já marcou uma reunião para o dia 15, com moradores das duas vilas. Vivaldo acha que a remoção prejudicaria o comércio do Núcleo Bandeirante e vai fazer tudo para conseguir fixar as vilas, inclusive com os moradores das invasões do Guarazinho e DAE".

A atitude do administrador do Núcleo é bastante simpática, embora fora da área de atuação de sua região administrativa, pois as vilas estão subordinadas à I Região Administrativa do DF, incluída no Plano Piloto.

O quadro dessas comunidades é de total abandono. As ruas têm buracos e lama - apesar do período de seca - o mato cresce em volta das residências. O comércio é formado por meia dúzia de barracões que permanecem vazios durante o dia e somente à noite apresentam algum movimento.

Transporte coletivo é um dos mais sérios problemas. Um único veículo faz a ligação com o Núcleo Bandeirante. Assim mesmo, os usuários reclamam que, devido à poeira, chega - se sujo no final da viagem, pois os ônibus são muito mal conservados. Quem tiver que se deslocar para a Asa Norte, tem que pegar três coletivos: um para o Núcleo Bandeirante, outro do Núcleo Bandeirante para a Rodoviária e outro, para a Asa Norte.

Policimento é outra carência daquelas comunidades, apesar da existência da garagem e Depar-



Cabo Velho: "prefiro morrer a assistir essa remoção"



A Escola Júlia Kubitschek, em homenagem à mãe do fundador de Brasília, está caindo aos pedaços

tamento de Transportes da Secretaria de Segurança. Viatura policial é coisa rara, difícil de se ver. Maria do Socorro, proprietária de um bar na Candangolândia, faz um comentário brincalhão: "de dia, pode-se tirar a roupa e andar pelado no meio da rua que não tem ninguém pra ver, embora, à noite, o movimento aumente. A situação dos comerciantes é precária, tenho que costurar, se quiser viver melhor".

COMPROMISSO

Embora o chefe do Departamento Administrativo da Fundação Zoobotânica alegue desconhecer a remoção em massa - comentando que a SHIS é que está fazendo esse levantamento dos moradores, comunicando a eles que devem abandonar a área, não acreditando que o Governador tenha o propósito de desalojar nin-

guém - foi distribuído um termo de compromisso entre os habitantes das vilas, comprometendo - os a devolver o barraco, caso venham a ser contemplados com um imóvel residencial da SHIS ou de qualquer outra entidade, ficando o ocupante responsável pelo imóvel durante o período de 21/07/80 a 31/12/80, salvo em caso de interesse da Fundação Zoobotânica para ocupá-lo antes do término do prazo concedido.

Com essa medida, julgada desonesta pelos moradores, por já estarem residindo no local há mais de 20 anos, com direitos adquiridos, a Fundação pretende limpar a área e corre o boato de que ela seria transformada em área de mansões. E os moradores estão fazendo apelo ao Governador Aimé Lamaison no sentido de rever a medida e evitar essa remoção.